

URBANIZAÇÃO NO CERRADO: A AGRICULTURA CAPITALISTA NOS MUNICÍPIOS DE RIO VERDE-GO E JATAÍ-GO

Tatiane Rodrigues de **Souza**

(Universidade Federal de Goiás, Doutoranda em Geografia da - Regional Jataí. E-mail:
tati87souza@gmail.com)

Resumo: O processo de modernização nas áreas do Cerrado acarretou uma série de mudanças nas estruturas produtivas, gerando inúmeras alterações espaciais nos municípios inseridos nesse processo. Dentro dessas novas conformações espaciais as reestruturações e refuncionalizações adaptam-se as organizações espaciais, às novas funções econômicas e técnicas dos espaços produtivos, inclusive no urbano. Nessa perspectiva procurar-se-á analisar as particularidades da urbanização no Cerrado, a partir da expansão do modelo técnico produtivo que se impôs como a ampliação da apropriação do modo capitalista e suas repercussões na organização urbana. Para exemplificar, apresenta-se algumas características urbana das cidades de Rio Verde e Jataí, ambas localizadas no Sudeste de Goiás, principal região produtora de commodities do estado. O texto apresenta um caráter analítico, baseia-se principalmente na literatura que aborda essa temática e na observação direta nas áreas urbanas das referidas cidades. Constata-se que além da organização de um sistema técnico requerido pelo modelo produtivo, há uma segregação urbana, marcada pelos segmentos que estão incluídos e excluídos dessa formação sócio-espacial.

Palavras-Chaves: Urbanização, Agronegócio, Cidades refuncionalizadas.

URBANIZATION IN THE CERRADO: THE CAPITALIST AGRICULTURE IN THE MUNICIPALITIES RIO VERDE-GO AND JATAÍ-GO

Abstract: The modernization process in the Cerrado areas has brought about a series of changes in the productive structures, generating numerous spatial changes in the counties inserted in this process. Within these new spatial conformations restructurings and refuncionalizations adapt the space organizations, the new economic and technical functions of the productive spaces, including in the urban. From this perspective we will analyze the



particularities of urbanization in the Cerrado, from the expansion of the productive technical model that was imposed as the expansion of the appropriation of the capitalist way and its repercussions in the urban organization. For exemplify, demonstrate some urban characteristics of the cities Rio Verde and Jataí, both located in the Southeast of Goiás, the main region producer of commodities of the state. The text presents an analytical character, is based mainly on the literature that approaches this subject and the direct observation in the urban areas mentioned of the cities. It is observed that besides the organization of a technical system required by the productive model, there is an urban segregation, marked by the segments that are included and excluded from this socio-spatial formation.

Keywords: Urbanization, Agribusiness, refunctionalized cities.

URBANIZACIÓN EN EL CERRADO: LA AGRICULTURA CAPITALISTA EN LOS MUNICIPIOS DE RIO VERDE-GO Y JATAÍ-GO

Resumen: El proceso de modernización en las áreas del Cerrado resultó una serie de cambios en las estructuras productivas, generando innumerables alteraciones espaciales en los municipios insertados en ese proceso. Dentro de esas nuevas conformaciones espaciales las reestructuraciones y refuncionalizaciones se adaptan a las organizaciones espaciales, a las nuevas funciones económicas y técnicas de los espacios productivos, incluso en el urbano. En esta perspectiva se buscará analizar las particularidades de la urbanización en el Cerrado, a partir de la expansión del modelo técnico productivo que se impuso como la ampliación de la apropiación del modo capitalista y sus repercusiones en la organización urbana. Para ejemplificar, se presentan algunas características urbanas de las ciudades de Río Verde y Jataí, ambas ubicadas en el Sudeste de Goiás, principal región productora de commodities del estado. El texto presenta un carácter analítico, se basa principalmente en la literatura que aborda esa temática y en la observación directa en las áreas urbanas de las referidas ciudades. Se constata que además de la organización de un sistema técnico requerido por el modelo productivo, hay una segregación urbana, marcada por los segmentos que están incluidos y excluidos de esa formación socio-espacial.

Palabras clave: Urbanización, Agronegocio, Ciudades refuncionalizadas.

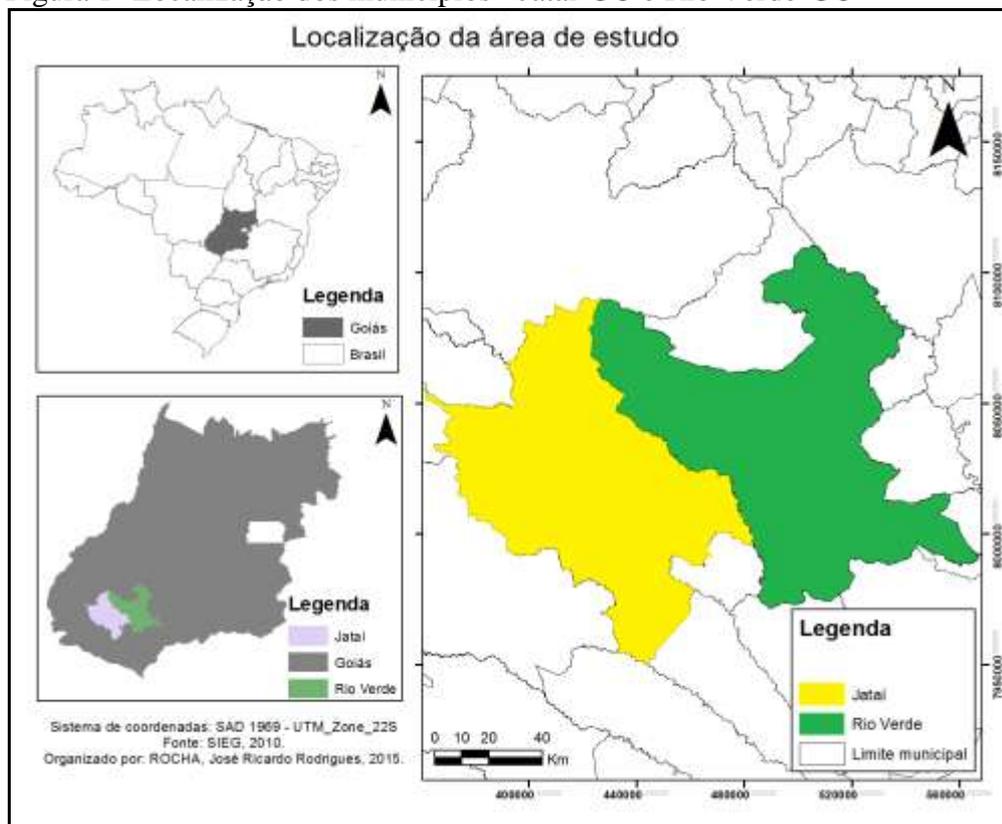
Introdução

Parte-se da perspectiva que, o processo de urbanização no Centro-Oeste brasileiro é resultado da expansão da fronteira agrícola¹, região considerada a maior produtora nacional de grãos. Nesse contexto, as áreas do Bioma Cerrado tornaram-se atrativas para o capital, é atualmente o mais ameaçado do país, 55% da sua área foi ocupada ou degradada pelas ações antrópicas (MACHADO et al, 2004).

Estimulado por políticas públicas, a região passou a ser ocupada sob o padrão produtivo da agricultura capitalista. As atividades desempenhadas no campo são comandadas a partir da cidade, formando em espaços que se correlacionam e que se complementam.

Deste modo, a produção no espaço do Cerrado passa a ser reordenada por novos arranjos socioeconômicos. Este envolvente modelo de tecnificação agrícola está presente nos municípios de Rio Verde-GO e Jataí-GO, ambos localizados na Microrregião do Sudoeste de Goiás, conforme Figura 1.

Figura 1- Localização dos municípios - Jataí-GO e Rio Verde-GO



Fonte: SIEG,2010. Organização.: ROCHA, J.R.R,2015.

¹ Áreas estimuladas por políticas públicas, apresentam intensas atividades agrícolas modernas (tecnologia, insumos, maquinários, armazenamento, comercialização entre outros) (FREDERICO, 2011).



Os municípios analisados sofreram a influência da “Revolução Verde”, as políticas públicas de desenvolvimento de tecnologias, as grandes extensões de terras e as condições naturais foram “favoráveis” em torná-los grandes produtores de grãos e, portanto, as mudanças condicionaram a inúmeros efeitos, entres eles a elevada taxa de urbanização, a emigração da população rural, a expropriação dos camponeses e alterações nas relações de trabalho, além de acentuar expressivas desigualdades socioeconômica nas cidades.

Em virtude disso, Rio Verde-GO e Jataí -GO e as demais cidades envolvidas neste processo passaram a ser refuncionalizadas² para atender as estruturas mercadológicas do agronegócio³. Por essa razão, cria-se espaços com dinâmicas urbanas excludentes, obedecendo ao modo de produção capitalista, ao mesmo tempo em que o urbano se expande originando novas funções.

Objetiva-se neste texto compreender as particularidades da urbanização no Cerrado frente a inserção capitalista do modelo produtivo do agronegócio e suas interferências na produção urbana, analisando cidades que impõe novas funções na organização do espaço produtivo, apresentando um caráter analítico a partir da observação das áreas urbanas das referidas cidades e principalmente na revisão de literatura que descrevem a temática.

Portanto, os procedimentos metodológicos baseiam-se em revisões bibliográficas acerca do tema, sistematização de dados teóricos discutidas por diferentes autores (BORGES, 2006; CASTILHO, 2014; CHAVEIRO 2010, CORRÊA, 2010; ELIAS; PEQUENO, 2007, FREDERICO, 2011, SANTOS, 1996, SPOSITO, 2001 entre outros) e trabalho de campo, permitindo algumas reflexões acerca do espaço urbano nos municípios de Rio Verde GO e Jataí-GO.

A Urbanização no/do Cerrado?

As cidades ao longo dos anos se transformaram em grandes centros urbanos, que aparentemente apresentam características comuns, no entanto, cada uma são expressa por suas

² Os municípios citados passaram a exercer novas funções econômicas, o campo e a cidade são reestruturados para atender a lógica da reprodução capitalista.

³ O atual modelo produtivo capitalista no campo é amplamente conhecido por agronegócio, baseado no sistema plantation, apresenta estrutura fundiária bastante concentrada, calcado na intensa mecanização e utilização de insumos químicos, ou seja, uma produção destinada à exportação.

particularidades, suas dinâmicas, seus movimentos e sua estrutura, refletindo os modos de vida de uma sociedade.

A urbanização das cidades se deve ao início da industrialização no século XVIII. No Brasil, a urbanização brasileira apresenta-se em diferentes momentos históricos o que chamamos por “urbanização pretérita” (SANTOS, 1996), trata-se da ampliação de núcleos urbanos a partir de alguma atividade econômica, que surgiram em sua maioria de forma desordenada.

Entende-se, portanto, que a urbanização é decorrente da concentração de riquezas da produção espacial, ademais a sua compreensão dependerá das perceptivas e leituras do autor, seja por particularidades culturais, sociais ou econômicas. Mas, o que nos interessa aqui é entender se há ou não uma urbanização particular nas áreas do Cerrado. Caso haja, o que seria específico nessa urbanização? A urbanização que se formou nas últimas três décadas nas áreas do Cerrado tem elementos próprios?

Para buscar respostas para essas e outras questões é preciso embasar em autores (CASTILHO, 2014; CHAVEIRO 2010, ELIAS; PEQUENO, 2007, FREDERICO, 2009, 2011, SANTOS, 1996, SPOSITO, 2001 entre outros), que certamente discutem a lógica do espaço urbano.

Frederico (2011) procura explicar que a construção de Brasília, a integração nacional das rodovias, a consolidação da agricultura tecnificada de grãos, permitiram a ampliação e reestruturação das redes urbanas, sobretudo nas áreas do Cerrado, terras que passaram a ser valorizadas o que ocasionou uma significativa migração de sulistas, mineiros, nordestinos entre outros.

Com a inserção do sistema capitalista os espaços mudam, produzindo concentração de riquezas, resultando em novas estruturas nas áreas rurais e urbanas. As regiões agrícolas favorecem as pequenas e grandes cidades que por sua vez se complementam, formando centros urbanos fornecedoras de meios de consumo (SANTOS, 1996).

Essa nova configuração cria novas funções urbanas, e o ritmo do crescimento populacional e econômico nas cidades estabelecem formas de expansão dos tecidos urbanos. Criam-se centralidades nas áreas urbanas, os valores imobiliários, os investimentos públicos e privados, permitem a circulação e aumento de bens e serviços (SPOSITO, 2001).

Segundo Santos (1996), as relações espaço/tempo condicionaram a produção do espaço urbano, e as áreas de fronteiras agrícolas assumem novas formas e se expandem

rapidamente. Segundo esse autor, “com a redescoberta do cerrado, graças à revolução científica-técnica, criam-se as condições locais para uma agricultura moderna, um consumo diversificado e, paralelamente, uma nova etapa de urbanização” (SANTOS, 1996, p.62).

As áreas do Cerrado tornaram-se atrativas e o Estado estabeleceu políticas agrícolas que induziram subsídios financeiros para o investimento de alta mecanização e utilização de insumos. A “Revolução Verde” impôs reestruturação nos espaços urbanos para que este pudesse atender as novas demandas da produção no Cerrado, o Estado viabilizou subsídios financeiros, integração de rodovias para assegurar o escoamento de produtos e em tecnologia e pesquisa (LACERDA, SANTOS, 2016).

A construção de rodovias favoreceu e interligou a circulação entre as zonas produtoras com as demandas regionais e metropolitanas, conforme descreve Castilho (2014, p.129), “apesar das deficiências da rede de transportes em Goiás, assim como em outras regiões do Brasil, sobretudo no que diz respeito à infraestrutura e intermodalidade, é possível detectar algumas áreas “privilegiadas” do ponto de vista da rede rodoviária”.

A BR-060 e a BR-364, por exemplo, ampliou a áreas de influência, garantindo a ampliação e valorização das atividades agroindustriais, integrou “[...] de forma mais efetiva ao restante do território, o que consolidou a sua rede urbana, valorizou as suas terras e atraiu uma grande quantidade de migrantes sulistas, nordestinos e mineiros” (FREDERICO, 2011, p.117).

A configuração territorial resultante da integração definitiva de áreas de cerrado ao restante do território brasileiro, por meio da relação capital federal e da construção de grandes rodovias, forneceu a base territorial para a disseminação da agricultura moderna. Esta por sua vez, fez aumentar rapidamente o número de municípios da fronteira agrícola moderna e interligou diretamente essas cidades à metrópole nacional de São Paulo e aos centros financeiros internacionais (FREDERICO, 2011, p.118).

As cidades da periferia ou da fronteira econômica passam a representar um papel importante como local de reprodução e força de trabalho rural e urbana, como ponto de apoio à expansão do espaço da produção capitalista, sem, no entanto, se tornaram o locus da produção. Os deslocamentos espaciais da população ativa com a migração rural-urbana é o grande fator de urbanização (FERREIRA, 1987, p. 22).

Com essa nova reestrutura as relações de trabalho mudam e as populações rurais migraram para as cidades contribuindo para com o processo de urbanização. Ferreira (1987),



ressalva que as transformações advindas pela fronteira agrícola nas áreas do Cerrado têm um grande peso explicativo no crescimento urbano. A forte migração do campo para a cidade na maior parte das cidades envolvida, evidencia que as populações das áreas rurais foram “forçadas” a viver nas cidades. Os pequenos produtores familiares e trabalhadores do campo buscaram as cidades como lugar de oportunidades de vida.

Essas mudanças estiveram acompanhadas por inúmeras transformações socioeconômicas e espaciais, uma realidade que é manifesta pela especulação imobiliária, a crescente edificação, pelos espaços de segregação populacional, ao aumento de desemprego e subempregos, insuficiência de infraestrutura, a marginalização social e poluição ambiental, o que impossibilitou uma boa qualidade de vida para a maior parte da população.

Em virtude dessas reflexões, compreende-se que nas áreas de urbanização no Cerrado são expressas por uma crescente ocupação. A expansão urbana nos municípios envolvidos deve ser entendida pelas transformações socioeconômicas advinda da fronteira agrícola (ESTEVAM,1998).

O capital cria e estabelece novos ditames no espaço brasileiro, como no caso de muitos municípios localizados no bioma Cerrado, que se tornaram atrativos aos investimentos da fronteira agrícola, que priorizou uma expansão de terras com diferentes aptidões, juntamente com os grandes complexos industriais, começaram a se organizar reafirmando como o grande centro de produção de *commodities* para exportação.

É claro que o processo de urbanização não ocorreu de forma homogênea, isso significa dizer que nem todos os lugares recebem as mesmas atuações do capital. Para Santos (1997), o valor particular de um lugar, pode ser justificando pelas ocupações espaciais segundo a localização, poderes políticos e econômicos. Cada lugar é atribuído aos interesses do capital e trabalho, resultando em condições diferentes devido à especificidade do lugar.

Segundo os estudos de Frederico (2011), as políticas agrícolas foram favoráveis para o centro sul e o sul de Goiás, o sudoeste de Mato Grosso, o centro-sul do Mato Grosso do Sul, é a partir dessas regiões que os modos da agricultura capitalista se expandem e tendem a ocorrer de modo integrado nas demais áreas do Cerrado.

Neste contexto, entende-se que há uma urbanização *no* Cerrado em que obedece uma lógica de produção capitalizada, isto é, as áreas deste bioma foram ocupadas pela intensificação das práticas agrícolas. As atividades humanas resultaram em perda da sua biodiversidade e das suas espécies endêmicas, contaminação do solo, água e o esgotamento



dos recursos naturais. Enquanto que a preposição *do* também é indicada para afirmar que temos uma urbanização *do* Cerrado, afinal a urbanização se dá a partir do seu uso, o *do* nos traz um indicativo de pertencimento e origem, e a urbanização nas terras *do* Cerrado apresentam uma dinâmica própria com características específicas.

Não há uma regra geral para urbanização *do* ou *no* Cerrado para os autores que discutem essa temática na academia, mas em todo caso o *no/do* não muda os fatos ocorridos. Entretanto, acreditamos que tivemos a inserção de modernas atividades agrícolas nas terras do Cerrado e em consequência uma *urbanização no/do Cerrado*.

Um dos elementos característicos da urbanização no Cerrado é que a agricultura capitalista é responsável pelas transformações sociais e econômicas, controlando as políticas e o território, criando um espaço de dominação. A consolidação da fronteira agrícola nos municípios envolvidos gerou novas relações entre campo-cidade, Elias e Pequeno (2007, p.26-27) descreve que “[...] quanto mais se intensifica o capitalismo no campo, mais urbana se torna a regulação da agropecuária, sua gestão, sua normatização”, isso resulta “[...] em uma significativa remodelação do território e na organização de um novo sistema urbano”.

Portanto, podemos afirmar que essas mudanças interferiram no processo de urbanização de modo, que as cidades envolvidas neste sistema apresentam funcionalidades de modo sistemático, os centros urbanos são especializados e articulados para atender a modernização agrícola.

A urbanização e o agronegócio nos municípios de Rio verde (GO) e Jataí (GO)

Quando se discute o modelo da agricultura pautada no agronegócio em um município, tem-se a ideologia de uma cidade em prosperidade, no entanto é preciso analisar e compreender a produção socioespacial nas localidades que emergem a produção capitalista. Ademais, existe no imaginário das populações locais e na disseminação da mídia que viver em um município do agronegócio é bom para todos, assim como descreve Havery (2011), ao afirmar que o sistema capitalista tenta nos convencer que ele é bom para todos na sociedade. Entretanto, o que temos apercebido é a precariedade no modo de vida urbano.

Alguns autores substituí a expressão “cidade do campo” (SANTOS,1996) por “cidade do agronegócio” (ELIAS; PEQUENO, 2007, p.30), entendidas por cidades que materializam o crescimento e as desigualdades no espaço urbano é aquelas que “[...] cujas funções de



atendimento às demandas do agronegócio globalizado são hegemônicas sobre as demais funções”.

Se existem cidades do agronegócio ou não é uma discussão que vem sendo ampliado por autores que por hora não entraremos na defesa dos municípios em pesquisas com a denominação de “cidade do agronegócio”, na tentativa de concordância descrita por Frederico (2011,p.119), em que cidades de gerações anteriores como Rio Verde-GO e Jataí-GO⁴, o campo é alvo da fronteira agrícola “[...] mas, nos núcleos antigos, a existência de formas-conteúdos indelévels, com idades e empregos herdados de outros períodos, faz com que o número de funções existentes seja maior e mais complexo”. Ou seja, compreende-se que são cidades que apresentam novas funções, movimentando a produção local e dos municípios próximos.

São cidades que possuem uma dinâmica do campo, as indústrias de beneficiamento da produção local transformaram a estrutura produtiva, pois o aumento de oferta de empregos advindos pelas atividades agrícolas, intensifica os comércios locais que criam novas necessidades, fatores que, combinados sustentam as intensas transformações socioespaciais.

Isto é, são municípios reestruturados para obedecer a nova divisão do trabalho agrícola e atender as demandas do campo, ou seja, a organização urbana é pautada para o campo moderno, conforme Frederico (2009, p.61), as cidades viabilizam sistemas técnicos favoráveis para a “[...] instalação de fixos (armazéns, escritórios exportadores, bancos, aeroportos, terminais de transporte, sistemas de energia e comunicação), necessários à viabilização de fluxos inerentes aos circuitos espaciais produtivos e aos círculos de cooperação agrícolas

Pode-se observar no Quadro 1 que os respectivos municípios em pesquisa, se destacaram entre os dez (10) maiores no Ranking de exportação em Goiás no ano 2017, apresentando uma produção de produtos voltados para a demanda agropecuária.

Rio Verde se posiciona em 1º lugar no ranking da exportação, e na 4º Posição Jataí, destacando-se em atividades agropecuárias, conforme o Quadro 1, os demais municípios goianos, destacam-se nas atividades vinculadas ao minério e em indústrias de máquinas e veículos. Corroborando com as investigações descritas por Pizzaro (2017, p.33) em que o agronegócio é expressivo nestes municípios, prova disso é pelo os meios de serviços de pesquisa e assistência técnicas realizadas “[...] pela COMIGO (Cooperativa Mista dos

⁴ A emancipação de Rio Verde ocorreu em 1854 quando fora desmembrado da Cidade de Goiás, após 41 anos, Jataí é elevado à categoria de município e desmembrado de Rio Verde.

Produtores Rurais do Sudoeste Goiano), UNIRV (Universidade de Rio Verde), UFG (Universidade Federal de Goiás), IFGoiano (Instituto Federal Goiano) ”.

Quadro 1- Ranking dos dez maiores municípios goianos em exportação – 2017

MUNICÍPIO	VALOR US\$ FOB	PRODUTOS
Rio Verde	977.417.785	Soja, milho, óleo de soja e respectivas frações, outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja, farinhas de cereais, carnes de animais da espécie suína, frescas, refrigeradas ou congeladas, grãos e sorgo de grãos.
Alto Horizonte	408.812.167	Minérios de cobre e seus concentrados
Barro Alto	309.184.094	Ferro-ligas
Jataí	293.687.398	Soja, milho, óleo de soja e respectivas frações. Algodão, miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar. Aparelhos para agricultura, horticultura, silvicultura, avicultura ou apicultura, criadeiras para avicultura. Ácidos gordos monocarboxílicos industriais.
Itumbiara	277.992.866	Couros de bovinos, soja, outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja, açúcares de cana ou de beterraba e sacarose. Milho, algodão, farinhas de cereais, exceto de trigo ou de mistura de trigo com centeio e óleo de soja e respectivas frações.
Ouvidor	249.938.471	Ferro-ligas
Palmeiras de Goiás	249.689.019	Carnes de animais da espécie bovina, carnes e miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar. Sais e hidróxidos de amônio quaternários. Âmbar-cinzeo, castóreo, algália e almíscar; bílis, e outras substâncias de origem animal utilizadas na preparação de produtos farmacêuticos. Mástique de vidraceiro, cimentos de resina, indutos utilizados em pintura.
Luziânia	246.729.618	Soja, milho, óleo de soja e respectivas frações. Galos, galinhas, patos, gansos, perus, peruas e galinhas-d'angola, algodão, ovos de aves, com casca. Outros produtos hortícolas. Ácidos gordos monocarboxílicos industriais. Instrumentos e aparelhos para medicina, cirurgia, odontologia e veterinária.
Mozarlândia	218.184.454	Carnes de animais da espécie bovina, miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas. Outras substâncias de origem animal utilizadas na preparação de produtos farmacêuticos.
Catalão	163.595.315	Aparelhos mecânicos. Soja e milho. Máquinas e aparelhos para colheita ou debulha de produtos agrícolas, incluídas as enfardadeiras de palha ou forragem. Veículos automóveis para transporte de mercadorias. Miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar. Outras obras de ferro ou aço. Outros móveis. Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis. Artigos de transporte ou de embalagem, de plástico; rolhas, tampas, cápsulas e outros dispositivos destinados a fechar recipientes, de plástico

Fonte: Segplan-GO/ Instituto Mauro Borges/ Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas - 2018. Org.: SOUZA, T.R de. (2019).

Para o autor supracitado, as agências bancárias presentes no Sudoeste Goiano, também corroboram para a economia das atividades agroindustriais e agropecuárias. Até o ano de 2016, o município de Rio Verde se destacava com vinte (20) agências bancárias enquanto que Jataí apresentava onze (11) agências. Em todo o sudoeste goiano, 30 % das unidades bancárias são do Banco do Brasil, resultante da tecnificação agrícola da década de 1970, a partir do programa de financiamento SNCR (Sistema Nacional de Crédito Rural) o qual viabilizou a compra de maquinários e insumos (PIZZARO, 2017).

Outrossim, a instalação dos escritórios, agências bancárias, assistências agrícolas, centros universitários e demais serviços de bens e consumo, implica em uma nova hierarquia urbana, cidades que induzem ao aumento da taxa de urbanização, conforme Tabela 1.

Tabela 1- População Urbana e Rural dos municípios de Rio Verde-GO e Jataí-GO-1970-2010

Ano	1970		1980		1991		2000		2010	
	URB	RUR	URB	RUR	URB	RUR	URB	RUR	URB	RUR
Rio Verde	26.927 48%	28.770 52%	55.541 74%	19.152 6%	84.142 87%	12.16 7 13%	106.07 9 91%	10.473 9%	163.54 0 93%	12.884 7%
Jataí	27.155 66%	14.209 34%	42.840 80%	10.554 20%	55.593 84%	10.36 4 16%	68.821 91%	6.630 9%	81.010 92%	6.996 8%

Fonte: Censo Demográfico, IBGE 2014. Org.: SOUZA, T.R de. (2018).

A Tabela 1 indica o rápido crescimento urbano em detrimento ao rural, resultado do processo da tecnificação agrícola em que a lógica produtiva atraiu o aumento de fluxo de migrantes e expulsou inúmeros habitantes do campo para as respectivas cidades. Durante os vários períodos representados, é possível indicar altas taxas, superior a 5% ao ano nas décadas de 1970 e parte nos anos 1980, reduziu-se abruptamente nos anos 1990.

O processo de urbanização, as indústrias e o setor de comércio e serviços atraíram a população para as áreas urbanas, sobretudo no município de Rio Verde, um dos municípios que mais atraíram migrantes, no ano 2000 a taxa de crescimento foi de 2,14%, e chegou a 4,23% no ano de 2010. Em 2017 já apresentava uma estimativa de 217.048 habitantes, de acordo com dados do IBGE.

Ainda hoje, ocorre fluxo migratório; o município recebe pessoas de diversas regiões do Brasil, especialmente trabalhadores vindos dos Estados de Alagoas, Maranhão e Bahia, que não param de chegar, motivados pela expectativa de melhorar suas condições de vida. As diversas motivações estão pautadas na busca por empregos no

setor agroindustrial, que procura mão de obra barata, sem qualificação, além dos atrativos que a cidade do agronegócio anuncia como próspera para investimentos de negócios (GONÇALVES, 2015, p.60).

Em Rio Verde a expansão demográfica e a dinâmica do modelo produtivo devem-se também a implantação da Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (COMIGO) em 1976 e a instalação das agroindústrias como a, Caramuru, Coimbra, Cargil e a Perdigão que promoveu significativas mudanças na estrutura urbana com base na afirmação de Borges (2006, p.168):

Didaticamente, podem ser classificados em: efeitos no espaço urbano (novos bairros, criação dos distritos industriais II e III, crescimento populacional, instalação de novas indústrias e efeitos na economia urbana local incremento do comércio e dos serviços locais, mudanças na movimentação dos bancos, geração de postos de trabalho); impactos sociais (fortalecimento da cultura do trabalho industrial, formação da associação de produtores integrados, influências e parcerias com as instituições de ensino locais); efeitos no campo (aumento no rebanho de aves e suínos, do sistema de produção integrada de aves e suínos e o surgimento de um novo modelo deste tipo de produção); efeitos no espaço regional (consolidação do CAI-carnes, implantação do "Projeto Araguaia"- uma nova unidade da Perdigão em Mineiros (GO).

As indústrias de beneficiamento da produção local transformaram a estrutura produtiva, pois o aumento de oferta de empregos advindos pelas atividades agrícolas, intensifica os comércios locais que criam novas necessidades, fatores que, combinados sustentam as intensas transformações socioespaciais. “No entanto, isso não significa afirmar que o novo padrão produtivo, intenso em tecnologia e em capital, redunde em ganhos e benefícios para todos os segmentos da sociedade” (RIBEIRO, 2005, p.184). De modo contraditório, a urbanização nas respectivas cidades é marcada por desigualdades, são municípios que apresentam particularidades comuns como apresentado por Elias e Pequeno (2007, p.31).

Destacáramos: ausência ou insuficiência de infra-estrutura social (creches, escolas, postos de saúde) nas áreas habitadas pela população de menor renda; surgimento de áreas de ocupação em situação de risco ambiental; favelização nos espaços destinados a usos institucionais e áreas verdes; disseminação de vazios urbanos promovendo a especulação imobiliária; loteamentos periféricos clandestinos desprovidos de infra-estrutura; congestionamento nas áreas centrais por movimentação de carga e descarga, dentre outros.

A maior parte da população destes municípios acaba habitando em locais impróprios e construindo moradias inadequadas, resultado do rápido crescimento das cidades e por falta de interesse políticos e privados, os quais controlam a reprodução do mercado imobiliário.

Intensifica-se, então, o processo de periferização, perde-se o direito à cidade, pois o Estado viabiliza “[...] um conjunto de políticas que muitas vezes excluem em vez de incluir, desintegram em vez de integrar, dificultam em vez de facilitar, em especial quando se trata de atender às demandas das classes sociais mais baixas” (FERREIRA; UEMURA, 2009, p.6).

Temos um aumento demográfico, mas não há oportunidades para as classes subalternas nas cidades envolvidas. As autoridades das cidades não atendem à maior parte da população carente, e o problema de moradia se fortalece, as casas nos centros urbanos e os aluguéis são extremamente caros e não existem habitações suficientes para toda a população.

O solo urbano torna-se mercadoria e ainda que haja lotes não edificadas nas cidades, conforme a Figura 2, este por sua vez, não pode ser habitado pelos mais pobres, populações que não conseguem custear as obras exigidas pelo mercado imobiliário, resultando na segregação urbana. Uma pequena parcela de habitantes destes municípios consegue usufruir de casas em bairros com boa infraestrutura, que segundo Santos (1996, p.111):

O próprio poder público torna-se criador privilegiado da escassez, estimula, assim a especulação e fomenta a produção de espaços vazios dentro das cidades; incapaz de resolver o problema de habitação, empurra a maioria da população para as periferias; e empobrece ainda mais os mais pobres, forçados a pagar caro pelos precários transportes coletivos e a comprar bens de consumo indispensável e serviços essenciais que o poder público não é capaz de oferecer.

Figura 2- Setor Flamboyant em Jataí- GO



Fonte: SOUZA, T.R (2018).

A Figura 2 apresenta um setor que recentemente vem sendo alvo das especulações imobiliárias, em suas proximidades localiza-se duas importantes instituições universitárias, sendo uma Federal e outra privada, além disso, encontra-se próximo ao Shopping da cidade. Essa valorização deste novo setor se deve a aumento de especialização técnicas voltadas para as demandas da modernização agrícola, que estão correlacionadas com os centros educacionais e áreas comerciais deste município.

O aparecimento desta ma-de-obra técnica em Jatai pressionou por melhoria dos serviços prestados a comunidade, tanto públicos ligados à infraestrutura urbana, como privados, com o incremento do comercio e melhoria na prestação de serviços. A incidência destes fatos provocou mudanças na paisagem em toda cidade[...]" (DEUS et al., 1998, p. 75).

De modo contraditório, encontra-se próximo ao setor Flamboyant, o bairro José Bento, conforme Figura 3, que certamente devido o preço das habitações, favoreceram para que estes lotes residenciais fossem todos ocupados pelas construções de moradias. Corrêa (1997), descreve estas contradições urbanas ao dizer que são:

As diferenças sociais entre estas áreas uniformes devem-se essencialmente ao diferencial da capacidade que cada grupo social tem em pagar pela residência que ocupa. Em outros termos, as áreas uniformes refletem, de um lado, a distribuição da renda da população, e de outro, o tipo de residência e a localização da mesma em termos de acessibilidade e amenidades. Em realidade, a segregação parece constituir-se em uma projeção espacial do processo de estruturação de classes, sua reprodução, e a produção de residências na sociedade capitalista. (CORRÊA,1997, p. 131 – 132)

Figura 3- Setor Jose Bento em Jataí- GO



Fonte: SOUZA, F.R (2018).

Uma paisagem urbana é carregada de elementos históricos e sociais que materializam na cidade, que por sua vez, “[...] encarna os componentes da urbanização. Por outro lado, a forma, o grau, o nível que a urbanização se realiza em cada cidade cria a sua urbanidade” (DEUS et al., 1998, p. 71).

Há uma lógica particular na produção do espaço urbano, expressa a partir da historicidade e das relações sociais que podem ser compreendidas na paisagem das cidades que, segundo Cavalcanti (2001, p.14) “[...] permite perceber a espacialização das diferentes classes sócias, áreas deterioradas, áreas segregadas, áreas nobres, áreas em processo de valorização, são facilmente reconhecidas na paisagem”, resultando em um espaço contraditório.

As contradições no município de Jataí são comuns na maior parte das áreas urbanas das cidades que apresentam ritmos de crescimento acelerado, concordando com Santos (1996, p. 95), que embora existam diferenças entre as cidades brasileiras “[...] em todas elas problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e saúde, são genéricos e revelam enormes carências”, assim como também no município de Rio Verde, conforme Figura 4 e 5.

Figura 4- Setor Parque dos Buritis em Rio Verde- GO



Fonte: SOUZA, T.R (2018).

Figura 5- Setor Jardim Adriana em Rio Verde- GO



Fonte: SOUZA, T.R (2018).

As figuras 2 e 4 representam algumas casas próximo à lotes vazios, são bairros em que o mercado imobiliário privilegia as classes em que têm relativamente alto poder aquisitivo. Nas duas cidades os setores apresentados se localizam próximo a uma “nova”⁵ construção de Shopping, áreas recém valorizadas, são espaços em que só poderão ser ocupados por sujeitos que dispõe de melhores condições de vida, ou seja, não é para os trabalhadores de baixa renda. Isto é, o poder aquisitivo configura o espaço urbano “[...] faz para separar o homem entre si atribuindo-lhe um pedaço de espaço segundo um valor comercial: e o espaço-mercadoria vai aos consumidores como uma função de seu poder de compra” (SANTOS, 1996, p.213).

Segundo Cavalcanti (2007, p.15) “[...]a valorização de uma área urbana está associada à produção/reestruturação do tecido urbano para criação de centralidade”. Cria-se espaços com segmentos de alto poder aquisitivo, provocando a “produção de centralidades e de segregação socioespacial em outras áreas”.

Outro grande agravante é que não há oferta de empregos suficientes para atender a população local, gerando exclusão social. Ribeiro (2005), apresenta em sua tese que no

⁵ O Jathy Shopping foi inaugurado em 2011 e Burity Shopping em Rio Verde no ano de 2014.



período de 2001- 2005 dados coletados nos respectivos municípios demonstraram que já havia uma grande defasagem entre a oferta e procura de empregos, a maioria das vagas são para reposição da saída ou demissões de outros funcionários. Além disso, os desempregados procuram repetidamente ofertas de trabalho no cadastro do Sistema Nacional de Emprego (SINE). Divergente da cidade imaginária criada pelo agronegócio, as pessoas acabam exercendo atividades informais (catadores, camelôs nas ruas e em semáforos).

A elite mobiliza que teremos prosperidade com a criação de novos empregos, mas na realidade o crescimento com o agronegócio não resolve a problemática em questão, Ferreira (2003, p.17) descreve essa situação ao afirmar que:

Na realidade (não a sua versão ideológica) é que, em uma análise econômica mais precisa, o crescimento local não cria empregos, mas apenas os distribui, o que dá fôlego curto a tais políticas. [...] a vinda de fábricas para determinado município poderá eventualmente redistribuir as ofertas empregatícias, prejudicando outras localidades, mas terá efeito limitado já que uma verdadeira melhoria nas taxas de emprego depende da conjuntura econômica nacional e das políticas macroeconômicas.

Estamos certos de que o sistema capitalista atua na inserção do trabalho assalariado, uma forma de garantir e manter os lucros em diversas áreas do nosso país, o capital age de forma desigual e contraditória. Exemplo disso é que as populações das cidades Rio Verde e Jataí, aparentemente tentam-se convencer de que fazem parte da elite, ao comprarem carros novos e seminovos, pelas vestimentas, pelo acesso à lugares de alto padrão aquisitivo, criando expectativas errôneas para pessoas de outros municípios, de que vivem em cidades prósperas, quando na verdade são trabalhadores que se endividam. Ademais existem outro grupo de pessoas que são extremamente excluídos, os miseráveis que são esquecidos pela elite e pelo poder público (RIBEIRO, 2005).

Diante desse reflexo não podemos esquecer que o consumo de drogas se expandiu nas áreas urbanas e em consequência o aumento da violência. Nas respectivas cidades a situação é alarmante, as populações dos bairros periféricos são os que mais sofrem com o crescente conflito entre os divergentes grupos de traficantes e confrontos com a polícia.

É verdade que qualquer forma de acumulação capitalista gera violência, que por sua vez, só é possível por meio da exploração da classe trabalhadora e, conseqüentemente gera a precarização do trabalho, resultando em uma sociedade cada vez mais desigual e perversa. Além disso, as maiorias das pessoas migram sem nenhuma formação adequada para atuarem no mercado de trabalho, ou simplesmente não há oferta suficiente de empregos.

A urbanização é complexa, apresentam inúmeros problemas e desafios para a gestão das administrações municipais, conforme Chaveiro (2010) e, não é preciso ser uma metrópole para constatar as contradições urbanas, mas constata-se que os municípios voltados para uma produção do agronegócio trazem consigo as marcas de uma sociedade excludente de direito, uma população que vem sendo cada vez mais explorada, na repressão salarial, exploração na mão de obra e discriminação social, fatores estes que fortalece cada vez mais a concentração do capital e corrobora para as desigualdades sociais.

A fronteira agrícola no Cerrado é a responsável pela urbanização acelerada, suas transformações ao longo do tempo são capazes de explicar a distribuição espacial e as configurações atuais, marcadas pelas ações do homem na construção de um espaço singular, porém, assentado no padrão produtivo do capitalismo moderno na agricultura, se transformando em “produtor do capital”.

A própria funcionalidade dos municípios citados nos concerne afirmar que a crescente urbanização está pautada a partir da consolidação da fronteira agrícola, a cidade tornou-se centro da reprodução moderna do campo, cidades que induzem centralidade nos fluxos de capitais. Os sistemas técnicos bancários e os escritórios comerciais, permitem que Rio Verde e Jataí realizem compras, empréstimos, financiamentos e demais serviço, cumprindo conforme Frederico (2011), uma função estratégica que interliga com os principais centros financeiros.

A forte hegemonia da agricultura “moderna” no Cerrado é claramente disseminada no urbano, é nesse espaço em que o Estado interfere nas relações de trabalho e capital, o modelo do agronegócio é resultado do sistema capitalista que é “[...dinâmico e inevitavelmente expansível, esse sistema cria força permanente e revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos” (HARVEY, 2005, p. 43).

Considerações

É claro que o modo de vida urbano apresenta outros aspectos para além do capital, como a resistência dos diferentes sujeitos que habita o espaço urbano, expressando crenças e suas particularidades culturais. Entretanto, é evidente que a produção do espaço urbano destes municípios se expandiu a partir da disseminação do agronegócio, a lógica capitalista se reproduz mediante a exploração da força de trabalho, é causado pela tecnificação agrícola e

pela incapacidade do Estado de oferecer empregos para o contingente populacional que chegam nessas cidades ditas “prósperas”.

Diante do que foi exposto, é nítido que a urbanização no Cerrado inseridas no processo de produção capitalista, tiveram e têm como resultado espaços marcados por grandes desigualdades socioespaciais. A classe dominante dissemina a ideia de que o agronegócio é um mercado próspero, corroborando para que as populações locais criem expectativas de bons empregos e qualidade de vida.

Contudo, na lógica de formação dos municípios em questão e no presente texto não há elementos que justifique essas cidades serem propriamente do agronegócio, Rio Verde -GO e Jataí GO foram emancipados em gerações anteriores e ainda existem funções econômicas que são divergentes ao agronegócio. Portanto, elas são refuncionalizadas e reestruturadas para o agronegócio, ou seja, são cidades que atendem as funções para uma agricultura do negócio e que de certa forma acaba por influenciar e disseminar a urbanização.

Convém esclarecer que é preciso avançar no debate das “cidades do agronegócio” e por fim afirmar se os respectivos municípios devem ou não receber essas designações, entretanto, entendemos que são municípios que exercem funções do agronegócio. Ademais, é preciso de um estudo mais aprofundado de cunho teórico e prático para sabermos de fato em que medida o imaginário da cidade do agronegócio se estabelece nas populações locais e ainda, quais são as outras funções econômicas que os respectivos municípios se fortalecem.

Referências

BORGES, R. E. **No meio da soja, o brilho dos telhados: a implantação Perdigão em Rio Verde (GO), transformações e impactos socioeconômicos e espaciais**. 2006. 220 f. Tese de Doutorado UNESP. Rio Claro-SP.2006.

CASTILHO, D. **Modernização territorial e redes técnicas em Goiás**. 2014. 221 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

CAVALCANTI, L. S. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e a formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, F. M. A; CAVALCANTI, L. S. (Org). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2007.



- _____. Uma geografia da cidade-elementos da produção do espaço urbano. CAVALCANTI, L. S. (Org.). **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- CHAVEIRO, E. F. A urbanização do cerrado: espaços indomáveis, espaços deprimidos. **Revista UFG**, Goiânia, ano XII, n. 9, p. 26-30, dez. 2010.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DEUS, J. B.; CHAVEIRO, E. F; BORGES, L. C. P. Olhar o centro e ver a cidade mover-se. **Revista Geosp**. São Paulo, n. 04, p.69-79, 1998.
- ELIAS, D. S. PEQUENO, L. R. B. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-39, mai. 2007.
- ESTEVAM, L. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, 1998.
- FERREIRA, J. S. W; UEMURA, M. Política Urbana. In: Ministério das Cidades; Aliança de Cidades; DENALDI, R. (org.) **Ações integradas de urbanização de assentamentos precários**. Brasília: Ministério das Cidades, 2009.
- FERREIRA, J. S. W. **Alcances e limitações dos Instrumentos Urbanísticos na construção de cidades democráticas e socialmente justas**. Texto de apoio às discussões da Mesa 1 - Plano Diretor e Instrumentos Tributários e de Indução do Desenvolvimento, Vª Conferência das Cidades - Câmara Federal/CDUI e Ministério das Cidades, 02 de dezembro, 2003.
- FERREIRA, I. C. B. Expansão da fronteira agrícola e urbanização. In.: LAVINAS, Lena (Org). **A urbanização da fronteira**. Work-shop – Formação de cidades na fronteira. Rio de Janeiro: PUBIPUR/UFRJ, v. II, 1987.
- FREDERICO, S. Gênese e consolidação da rede urbana na região de fronteira agrícola moderna. In.: COSTA, E.B; OLIVEIRA, R.S (Orgs). **As cidades entre o “Real e o imaginário Estudos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- FREDERICO, S. **O novo tempo do cerrado: expansão dos fronts agrícolas e controle de sistema de armazenamento de grãos**.2009. 285f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

- GONÇALVES, F.P. **Estudo das representações sociais do cerrado na visão de alunos do ensino fundamental de escolas rurais em Rio Verde GO**. 2015.146f. (Dissertação de Mestrado), UFG, Jataí, 2015.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco Multidimensional de estatística**. Disponível em: <<http://www.bme.ibge.gov.br>> Acesso em: 20/07/2014.
- LACERDA, G. C; SANTOS, C.M.T. O Cerrado e a Difusão Urbano-Industrial. Revista Multiface, Belo Horizonte, vol. 4., 2016.
- MACHADO, R.B; et al. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF, 2004.
- PIZARRO, R.E.C. **O agronegócio e a produção do espaço da Região de Planejamento Sudoeste Goiano**. 2017. 347 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- RIBEIRO, D. D. **Agricultura “caificada” no Sudoeste de Goiás: do bônus econômico ao ônus socioambiental**. 2005. 317 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- SEGPLAN-GO-SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO. **Goiás em Dados 2017**. Instituto Mauro Borges-Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2018.
- SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinições da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, M.E.B. (Org). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Unesp/FCT, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.